

EDUCAÇÃO: O MAIS IMPORTANTE PROBLEMA-1

Pelo Prof. DELFIM SANTOS

JUGAMOS PODER AFIRMAR que há concordância relativamente ao que a todos se afigura como o problema mais importante dos nossos dias. Nunca, em artigos de jornal, em discursos ou em conferências, se afirmou tantas vezes e tão veementemente que o problema número um dentre outros que preocupam os mentes da sociedade portuguesa é o problema da educação. Poderia parecer, ao tomar conhecimento pelos jornais diários da frequência de inauguração de novas escolas, de novas escolas técnicas-profissionais, de novos liceus e de novos edifícios para as escolas superiores já existentes, que o problema estava prestes a ser resolvido. Também, notando o acréscimo de escolares e estudantes nessas escolas poderia igualmente julgar-se, com aparente razão, que nunca, como hoje, está magna questão estaria tão próxima da sua conveniente solução. A taxa de analfabetismo diminui, o número de leitores das bibliotecas popula-

tivo. Administrar com pessoal mais competente não é ainda educar e preparar a juventude. Aliás, apesar de todos os anos pela época de Outubro se publicarem notícias alarmantes acerca do aumento de frequência da população escolar, apesar dos esforços para albergar sob telhas todos os novos alunos que acorrem às escolas, apesar de tudo isso, ou mesmo talvez por isso, o ensino não melhora, antes, com mais verdade, piora inevitavelmente. Os quadros dos professores mantêm-se os mesmos que tinham sido criados quando a frequência escolar era pouco mais ou menos um terço da actual. Essa falta é compensada pela admissão de pessoal docente eventual sem a necessária formação ante novas dificuldades que lhes trazem turmas superlotadas. Por outro lado, os nossos programas de ensino que desde há muitos anos não obedecem a um plano pragmático desconcertam os alunos, diminuem o rendimento, perturbam o aproveitamento e tudo se passa co-

alguns professores das disciplinas que se julga deverem fazer parte do respectivo scurriculum e a cada um deles se pede um programa da sua própria disciplina. Primeiro erro de consequências incalculáveis porque é já admitir um plano não esclarecido, não discutido, não estudado por outras pessoas mais competentes do que esses professores. Talvez se possa pensar que não temos entre nós pessoas mais competentes para isso do que os professores. E se assim for isto é prova bastante de que um dos males do nosso ensino, e talvez o mais grave, é a falta de pessoas competentes didacticamente na organização dos estudos que se profanam nas nossas escolas. Uma reforma que não seja orientada por peritos pedagógicos é um amálgama empírico de saber programático imposto por aqueles que com a melhor das intenções vêem apenas um aspecto parcelar da questão e não compreendem o todo a que as parcelas pertencem. É compreensível que o professor de Física pretenda que a sua disciplina é a mais importante e que o programa em vastidão alberga todo o saber possível que ele considera da maior utilidade. O mesmo se passará com o professor de Latim, com o professor de Geografia, com o professor de História e com qualquer dos outros. Nenhum deles está disposto a aliar uma parte das suas convicções porque não está convencido que qualquer outra disciplina tenha mais valor do que a sua própria. De tudo isto resulta uma situação catastrófica para o ensino. Aliás, que isto é assim mesmo, indica-o o facto de as nossas reformas não terem nome. São mais ou menos anónimas e apenas se descobre de quem foram pela data da sua promulgação no «Diário do Governo». Quanto muito, sabe-se o nome do ministro que nomeou a comissão.

Há, na verdade, nas duas Faculdades de Letras do País (!), professores de uma vaga secção de Ciências Pedagógicas que tratam nas respectivas cadeiras de Pedagogia e de Didáctica, de História da Educação, Organização e Administração Escolares, de Psicologia Escolar e de Higiene Escolar, estudos esses que têm de ser frequentados pelos candidatos ao ensino oficial do grau médio. Ao que parece, nunca para nenhuma das numerosas reformas promulgadas até hoje a competência desses professores foi posta à prova em qualquer organização de planos de estudo, de sistematização programática de disciplina dos respectivos currículos ou de quaisquer outras questões pedagógicas. Tudo se passa como se tal secção não existisse e muitas vezes pode-se pensar se vale a pena a sua conservação. Tal como está, se não é totalmente inútil é absolutamente ineficaz quanto à organização pedagógica dos nossos estudos. As reformas aparecem feitas sem se saber por quem, com evidentes imperfeições, com manifestas incoerências que sucessivamente se vão eliminando na legislação posterior, sem contudo poderem adquirir o equilíbrio que nunca tiveram. Eis a razão primeira pela qual apesar de tudo o que apontámos antes, mais escolas, mais alunos, mais exames, o problema de educação continua numa situação eminentemente crítica e deplorável. A nossa escola primária não prepara, o nosso liceu não desenvolve as aptidões dos escolares, a Universidade não pode organizar a mentalidade dos seus alunos de acordo com as exigências do

NO MOMENTO da vida portuguesa em que, entim, parece ganhar terreno a consciência pública de que «o mais importante problema» é o da educação nacional, o prof. Delfim Santos, se vivo fosse, não deixaria de estar presente com a sua cultura, a sua experiência, o seu parecer, no debate que principia.

Há dois anos que se foi embora para sempre esse universitário que era o autêntico «clerc» e que só o mau ambiente impediu que desse a total medida da sua capacidade. Mas ainda desta vez Delfim Santos não faltará à chamada, e esse quase milagre tem o «Diário de Lisboa» o feliz ensejo de o apresentar aos seus leitores, publicando um inédito de teor pedagógico do malogrado professor de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Preparada para publicação a Obra Completa do Prof. Delfim Santos, o que será levado a efeito pela Fundação Gulbenkian, a Dr.ª D. Manuela Santos, viúva do insigne filósofo e pedagogo, facultou-nos um dos escritos que nessa recolha de textos virá a figurar. Ao dá-lo à estampa, fazê-lo na convicção de que se presta, simultaneamente, uma justa homenagem e um serviço de inestimável preço.

res e não populares aumenta, e tudo isto, apesar de reconhecido e incontestado, não impede que todos, desde os próprios agentes do ensino nos diferentes graus até aos mais categorizados do mundo do espírito e da política, repitam alto e bom som que muitos dos males de que sofremos são derivados da educação nacional. Como conciliar estas afirmações com as elucidações estatísticas tão satisfatórias mas que afinal não diminuem o descontentamento nem alteram o diagnóstico? Decerto não se trata de uma incongruência. Estamos do lado daqueles que, não negando progresso na edificação de escolas, estão convencidos de que, afinal, quanto ao problema da educação não tem havido progresso nenhum e até sem má vontade, possuem elementos para afirmar que algum regresso se tem verificado. Distinguímos assim dois problemas que não podem confundir-se: número mais elevado de escolas e organização da educação nacional. Quanto a esta permitimo-nos afirmar que a situação actual é deveras lamentável.

Não desconhecemos que se têm publicado reformas do ensino, que se tem alterado a administração das escolas, que se tem pretendido obviar à carência de professores, aos aspectos disciplinares e muitas coisas mais. Mas nada disto convence. Administração escolar, por mais perfeita que ela seja, não tem em si própria valor pedagógico e forma-

Se organizamos programas, como também lhes é inevitável, subordinamos esses programas a intenções que pouco ou nada mantêm de espírito pedagógico. Antes dos programas exige-se um plano de estudos que os enquadrem e organizem num todo sistemático. E nunca, que nós sabemos, se pensou em tal desde que por dever de ofício tomámos conta do que tristemente se passa. Quando muito, e parece que nem sempre assim tem sido, reúnem-se

Nota do dia

MEDITAÇÃO PARA AS FÉRIAS

VAMOS ADMITIR TAMBÉM que a política vai para férias, que vão para férias as preocupações e trabalhos imediatos: interrompe-se a sessão da Assembleia Nacional, que concluiu a discussão sobre as alterações à lei eleitoral, tomaram posse as últimas autoridades administrativas já designadas, tomou posse também a nova comissão executiva da União Nacional. Tudo para férias, como os estudantes das escolas, para um Natal que se estima seja pelo menos um Natal tranquilo: tempo para repousar, tempo para meditar...

A hora da meditação, essa é de todas as horas. Devemos praticá-la recolhidamente, atentamente, olhando cada um para si próprio, saber o que cada um quer, apurar com que fundamentos é que pode querer, até onde é que se pode querer, ser capaz de distinguir entre o desejável e o possível, ser capaz de entender qual é o ritmo a que se pode promover o que se entenda por renovação: se a ideia está em todos, é bem possível que cada um a entenda de sua maneira. O procura-se uma linha comum é um esforço difícil, mas será um esforço útil.

Nas declarações produzidas na sessão de ontem, para posse da nova comissão executiva da U. N. (que o dr. Melo e Castro repetiu ser desejo de alguns que possa ler-se União Nova) pode encontrar-se como factor comum esse voto de convergência onde ela for possível. Métodos? Ao longo, «adaptação do nosso dispositivo político pelo modelo comum da Europa Ocidental»: no imediato, «promover a satisfatória circulação da informação verificada com vista à formação em condições de efectiva participação popular, designadamente no acto eleitoral de Outubro próximo».

São dois pontos essenciais. E quanto a esses dois objectivos há indícios de movimento: quanto às eleições, viu-se já uma mexida na lei eleitoral, que vai obrigar a ampla revisão dos cadernos de recenseamento: quanto à «circulação da informação», não hesitou o dr. Melo e Castro em falar dos «trabalhos em curso de preparação de uma Lei de Imprensa», o que vem ao encontro de rumores ou suposições correntes e vem a fillar-se em antigas intenções atribuídas ao prof. Marcello Caetano desde os tempos em que o Poder não era com ele.

Uma lei, uma qualquer... — desabatávamos nós próprios, há dias, sobre o mesmo mote. Temos de entender, todavia, que não se trata simplesmente de alguma coisa parecida com exigiu dos governantes, não nos iludamos. Dependerá também muito de nós próprios, da maioridade mental de que fomos capazes de dar provas — e essas dão-se no dia-a-dia, no comportamento cívico, no sentido real da responsabilidade — e não apenas no desabato acalorado de ocasião. É preciso sentir isto. Sentir-lo e dizê-lo. Dizê-lo e fazê-lo.



ATENA
TECIDOS

BOAS FESTAS e NOVO ANO
FELIZ

COUTOS & GAMA, Lda.
P. Carlos Alberto, 123-2 - PORTO

BELA MONTRA

MÓVEIS • ESTOFOS • DECORAÇÕES
EM TODOS OS ESTILOS

RUA RODRIGO DA FONSECA, 12 e 16
T. 534457/59

(Continua na pág. seguinte)

As Filipinas e a Malásia votam a disputar a posse do Nordeste do Bornéu

O ministro dos Negócios Estrangeiros filipino, Ramos, anunciou em 21 de Novembro que o seu país se retirará da sua missão diplomática da Malásia. Trata-se de nova episódio da guerrilha verbal a que se entregam há meses Manila e Kuala-Lumpur a respeito do território de Sabá, situado ao norte de Bornéu.

Este assunto provocou e continua a provocar nas duas capitais um dilúvio de comunicados, de editoriais, de injúrias. Constitui uma prova, entre outras, da balcanização da Ásia do Sueste e mostra que o anticomunismo nesta região não consegue aglutinar os diversos países e não lhes faz esquecer querias em grande parte estereis.

As Filipinas reclamam a anexação de Sabá e dos seus cerca de 500 mil habitantes, membros da Federação da Malásia desde 1963. Tornando-se difícil a esta antiga possessão britânica ser independente (o mesmo se dá com o outro Estado norte-borneiano de Sarawak), ela foi anexada à Malásia. Antes disso equívocos do O. N. U. procederam a uma longa sondagem da opinião pública, verdadeiramente pouco significativa neste território de tribos e línguas diversas. A Indonésia, até à queda de Sukarno, em 1965, pediu este alargamento da Federação e, durante uma longa e vã confrontação inflitróu comandos seus no Norte de Bornéu. Mas pacificamente igualmente tentamos, os filipinos continuaram a reclamar o Sabá, tendo, em seguida, denunciado as suas exigências antes de lançarem novamente a disputa.

Uma disputa que, por assim dizer, é herança dum política colonial que ultrapassa os adversários de hoje. Para resumir um caso muito embaraçado, que remonta ao século XVIII e põe em causa a Espanha e os Estados Unidos — conquistadores sucessivos da Filipinas — a Bretanha, os sultanos de Brunel e de Sulu, dignos simplesmente que, em 1878, esse mesmo Sabá a uma companhia inglesa a North Borneo Company. Este potentado, então independente, reivindicava principalmente no Sul das Filipinas, mas não se ocupava de modo algum de Sabá, que, por um tratado assinado em condições sem dúvida muito pouco democráticas, o comércio inglês tomou a seu cargo até ao fim da segunda guerra mundial. Londres transformou então este país em colónia, antes de o devolver à Malásia.

UM TEXTO DE ESTILO COLONIAL

Oa herdeiros do sultão e de Manila não cessaram de afirmar que em 1878 não fora efectuada a transferência: dizia: tratava-se unicamente dum espécie de usufruto (era preciso explorar as madeiras e as outras riquezas de Sabá) e o território devia legalmente voltar para as Filipinas, que ao anexarem o sultão de Sulu, teriam, ao mesmo tempo prolongado a sua jurisdição sobre o Nordeste do Bornéu. Actualmente, continuam ainda a discutir-se os termos do tratado de 1878, e o significado em inglês e em árabe desta ou daquela palavra, e interessam-se por os adversários que reclamam a respeito dum texto sem qualquer relação com as realidades humanas e a política do nosso tempo.

As Filipinas procuraram vazar o sucesso no Tribunal Internacional de Justiça. O que a Malásia recusa. No Outubro último efectuaram-se encontros de guerra entre diplomatas em terreno

traz questões rocambolescas, o incidente do Corregedor. Em Março último, nesta ilha filipina, deuse um motim que causou mortes. Só o ano, afirma-se, um único escapou dos soldados descontentes. Originário do Sulu, de que justamente o respectivo sultão secedeu. Sabá nos ingleses, este indivíduo refugiou-se nos circuitos da oposição legal ao presidente Marcos e declarou que o havia treinado para uma infiltração em Sabá. Roberto o escudado. As autoridades não negaram ter havido a formação, de especialistas de guerrilha, em Corregedor, mas afirmaram que estes comandos — máximos — deviam ser utilizados para lutar contra os Hucks, os rebeldes comunistas das Filipinas, que actum principalmente em Luzon, em terras cristãs. Um general declarou por sua vez que os recrutados serviriam para a defesa de Sulu dum eventual ataque por guerrilheiros vindos de Sabá, ou da Indonésia. O presidente Marcos teria voluntariamente passado por cima desta história aborrecida para a respeito da qual nenhuma explicação seria foi dada, mas que os maldosos puderam facilmente explorar, a despeito de todos os desmentidos de Manila. Por que o sobrevivente de Corregedor não deixava de afirmar que fora treinado para se infiltrar em Sabá...

neuro — em Banguecoque — nos falharon. A anexação de Sabá à Malásia talvez se tenha operado em condições duvidosas, mas é agora um facto consagrado, está instalado um governo local; funciona uma administração, cujas relações com a população local tem sempre sido amenas quando se trata de funcionários vindos da longuinha capital federal, mas o Estado organizado, desenvolve a sua economia graças a um plano particular e costumes próprios (Ingleses) e publicos.

MANILA E A SUA POLITICA INTERNA

Enquanto na região todos fazem de defesa comum ou de cooperação económica a disputa prossegue. Manila poderia gostar doutro modo as suas energias, lutando, por exemplo, contra a miséria, repartindo mais equitativamente o rendimento nacional, ocupando-se por fim seriamente da reforma agrária, problemas estes na origem dum criminalidade em numero crescente. As autoridades filipinas poderiam valorizar um potencial hidroeléctrico muito subexplorado, modernizar a agricultura e as pescarias, em vez de importar todos os anos 150 milhões de dólares de produtos alimentares. Devia igualmente ser possível encontrar no local empregos para diplomatas que se pensam em instalarem nos Estados Unidos.

Não seria de resto por motivos de política interna, e sem qualquer preocupação pelas populações deste pequeno Estado, que o caso de Sabá chegou a este ponto azedado, desviando as atenções dos filipinos dos verdadeiros problemas do seu país? O caso é que um antigo problema ressurge, quando estava quase morto por si próprio há alguns anos, graças às virtudes do senece. Os camponeses pobres dos arrozais filipinos e os cortadores de madeira de Sabá nada têm a ganhar com estas disputas entre a Malásia e as Filipinas que se pensam em instalar-se nos Estados Unidos.

Houve também, entre outros, um encontro de guerra entre diplomatas em terreno

ora diga-nos...

— Tem algum prato especial para a noite de Natal ?

O dia, a noite, aproximam-se. É a noite de consoada (bem, a consoada era uma pequena refeição tomada à noite, nos dias de jejum). Reúne-se a família, no dia que é a festa da família. É a tradição. E há os pratos tradicionais também: o bacalhau, o cozido, a galinha, os frutos (que não é para todos...). Qual o prato especial do leitor, nessa noite? Pois bem, o «Ora diga-nos de hoje de que...»



• São as batatas com bacalhau — diz-nos uma jovem bonita, Estera Luísa Lourenço, de seu nome e adjuntada de profissão.

— É sempre esse prato tradicional, em nossa casa na noite de Natal. Bem, também, costuma haver galinha...
— Sim, pois claro

Arroz-doce, bolos, fruta. O costume é a família reunir-se. É a tradição e a família reunida.

• A seguir, falou o sr. António Baptista Martins, funcionário público.

— Bem, é o bacalhau com batatas. A família reúne-se. Às vezes, também há peru. É a festa da família. E há bolos.



• Por fim, ouvimos a sr. D. Maria do Carmo Palma, empregada de escritório.

— Não tenho um prato especial para esse dia. Qualquer prato serve...
— Sim, faço uma doce, pudim principalmente.

«O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS»

Continuação da 1ª página: obras que serão premiadas nas duas modalidades — e expostas, no que toca às plásticas.

ARTESANATO NO ESTORIL

Na sala da Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Estoril) continua a ter lugar uma exposição do artesanato português, iniciada a que tem despertado grande interesse do público. A associação da Felra do Artesanato Português, que o mesmo organismo realiza no Verão na Costa do Sol, a exposição reúne variados artigos da autoria dos nossos artistas populares, a alguns dos quais o visitante é tentado a adquirir.

Jogo perdido

O sr. Luís Vaz da Cunha, vendedor de lotarias, morador na Avenida Conde de Valbom, nº 23-A, perdeu ontem, entre aquela avenida e a de 5 de Outubro, a cartela com uma série de cartelas para a lotaria do Natal e cerca de 12 mil escudos. Pede a consciência da pessoa que o tenha achado, o favor de comunicar para aquela morada ou pelo tel. 535319.

das obras que serão premiadas nas duas modalidades — e expostas, no que toca às plásticas.

Assim, o júri da modalidade de plástica, onde é como sempre, maior número de obras apresentadas, trabalhou de antemão para onhem até algumas horas da madrugada, e às quinze horas voltou a reunir-se, mantendo-se em reunião durante toda a tarde. Este júri é constituído pelos professores Marcelo de Sousa, Gonçalves da Cruz, Rocha de Sousa, Rafael Calado e Vitor da Silva, pintor Sá Nogueira, arq. René Farinha, D. Maria Teresa Raposo, D. Ilda Tavares, D. Gina de Azevedo, Rocha de Carvalho e Luis Mateus.

Quando ao júri da modalidade literária, de onde os trabalhos têm decorrido também da melhor forma, é bem, como já também anunciamos, a seguinte constituição: José Gomes Ferreira, Maria Judite de Carvalho, Matilde Rosa Araújo, Maria Alberta Meneses, Alice Vasalo Pereira, Maria Vitoria Rocha de Sousa, Silvina Gouveia Branco, Manuel Ferreira, Fernando Assis Pacheco, Maria Castrim e Eduardo Prado Coelho.

YOGA

(HATHA YOGA) (pelo método EURO-YOGA) — FONTE DE SAÚDE E JUVENTUDE —
TOTAL DESCONTRACTAO FISICA E MENTAL. PLENO AUTODOMINIO E REEQUILIBRIO DOS SISTEMAS NERVOSO E CIRCULATORIO. OUTRINA E PROCESSOS ADAPTADOS AOS POVOS EUROPEUS, MAIS UMA OBRA EDITADA PELO CENTRE D'ETUDES, PARIS E DA AUTORIA DO YOGUI SHRI DHARMA-LAKSHANA (METODO EURO-YOGA), CURSO PRÁTICO AGORA EDITADO EM PORTUGUES PELO REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL E BRASIL: L. A. C. LIMA (Centro de Estudos por Correspondência) — Ap.º 2644 — Lx.º 2, ou R. Azedo Gueco, 55-2, D.º — Lisboa-3. (Portugal é o 3.º país europeu no lançamento deste maravilhoso Curso, logo após a França e a Suíça).

PRENCHA e remeta nos o cupão abaixo HOJE MESMO:
GRATUITAMENTE, pretendo receber livrete acerca do Curso de HATHA YOGA (edição portuguesa):
NOME (completo):
MORADA:
D. L.

Educação: o mais importante problema

(Continuação da pag. anterior)
nosso tempo. É lugar comum afirmar-se que estamos atrasados, mas muito mais grave do que estamos atrasados é pretendermos esquecer e não prepararmos o avanço que se torna urgente. Não temos centros de investigação pedagógica, não temos

centros dedicados à organização didáctica das disciplinas fundamentais, não temos centros de metodologia donde deveriam sair metodologos convenientemente preparados. Não temos um gabinete de planificação de estudos, não temos um órgão coordenador de todos os graus de ensino, não temos um instituto

aprecheado convenientemente para o estudo da adolescência e não temos conselheiros que possam servir a juventude.
DELFIN SANTOS
(1) Actualmente, como se sabe, existem três Presidências de Lisboa: em Lisboa, em Colimbra e no Porto.

